

UM PLANO PARA O CENTRO DE AMSTERDÃ A “renovação urbana” do *Red Light District*

A PLAN FOR THE CITY CENTER OF AMSTERDAM
The “urban renewal” of the *Red Light District*

João Soares Pena¹

Resumo

Neste artigo discutimos relação entre planejamento urbano e prostituição. Para isso focamos no Plano 1012 elaborado e implementado no *Red Light District*, no centro de Amsterdã. A análise baseia-se no próprio Plano 1012 e em entrevistas e observações feitas durante o trabalho de campo realizado em Amsterdã entre 2017 e 2018. Em 2007 foi lançado o Plano 1012 que objetivou combater a criminalidade, sobretudo o tráfico de mulheres, no *Red Light District* em Amsterdã. Desde então o bairro tem mudado de forma significativa com o fechamento de bordéis, sex shops, coffee shops etc. Por outro lado, muitas lojas e serviços foram abertos como, por exemplo, lojas de souvenir e lojas de roupas. Por fim, apontamos que o Plano atende ao objetivo da cidade em atrair investimentos nacionais e internacionais, bem como a existência de interesses privados em sua implementação. Em outras palavras: o que significam essas mudanças na área e a quem beneficiam?

Palavras-chave: planejamento urbano, prostituição, Amsterdã, *Red Light District*, trabalho sexual.

Abstract

In this paper, I discuss the relationship between urban planning and prostitution. To do so, we focus on the Plan 1012 designed and implemented in the Red Light District, in the city center of Amsterdam. The analysis is based on Plan 1012 itself and on interviews and observations made during the fieldwork carried out in Amsterdam between 2017 and 2018. In 2007, Plan 1012 was launched aiming at fighting criminality, mainly trafficking of women, in the Red Light District in Amsterdam. Since then, the neighborhood has changed significantly with the closure of brothels, sex shops, coffee shops etc. and, on the other hand, many stores and services were opened, for instance, fast food places, souvenir shops, and clothing stores. Finally, I point out that the Plan aligns with the city's goal of attracting national and international investments, as well as the presence of private interests in its implementation. That is, what do the changes in the area mean, and who benefits from them?

Key words: urban planning, prostitution, Amsterdam, *Red Light District*, sex work.

Introdução

A cidade de Amsterdã é vista internacionalmente como uma cidade bastante tolerante, liberal e progressista com relação aos costumes devido às abordagens holandesas com relação às drogas, ao aborto, à eutanásia, à prostituição, ao casamento civil igualitário etc. (De Waard, 2012). Utilizamos aqui o termo “progressista” alinhado ao que define Justus Uitermark (2004) para designar, em linhas gerais, os caminhos alternativos à perspectiva proibicionista para pautar questões importantes como as supracitadas. Nesse sentido, é importante ressaltar que esses aspectos dizem respeito ao imaginário sobre a Holanda como um todo, já que os dispositivos legais que regulam essas questões são nacionais. Contudo, Gilderbloom, Hanka e Lasley (2009) assinalam a importância de Amsterdã na maneira como conduz suas políticas públicas para a abordagem que se adota em nível nacional.

É importante observar que a “justiça social” de Amsterdã não está isolada do governo nacional, que trabalha alinhado aderindo e aprovando as políticas adotadas pela maior cidade da Holanda (Gilderbloom; Hanka; Lasley, 2009, p. 475, tradução livre).

Além disso, “geralmente o que é adotado em Amsterdã é aprovado em nível nacional, embora em um nível mais moderado, então é justo que políticas nacionais e locais estejam interconectadas” (Gilderbloom; Hanka; Lasley, 2009, p. 475, tradução livre). Assim, Amsterdã desempenha um papel importante no sentido de tomar a dianteira no que tange às políticas públicas voltadas à justiça social, mas também tem papel importante em outras questões complexas e relevantes para o país. Porém, os autores apresentam uma narrativa pacificada, como se prostituição, uso e comercialização de drogas, imigração e questões raciais, por exemplo, não fossem focos de conflitos e disputas na arena política e na própria configuração espacial da cidade.

Em virtude disso, Amsterdã, capital e maior cidade do país, acaba sendo vista como símbolo máximo de liberdade e progressismo, onde algumas dessas questões são facilmente observadas na conformação do espaço e da dinâmica urbana. Além disso, a cidade também é reconhecida no âmbito do planejamento urbano em razão das políticas adotadas pelo município como meio de proporcionar certo grau de atendimento às necessidades da população (Fainstein, 2010). Então, embora alguns se destaquem mais, há uma variedade de aspectos que dão a Amsterdã o status de uma cidade mais equitativa.

Amsterdã mostra que uma cidade capitalista pode atender às necessidades essenciais das pessoas, como saúde, moradia, segurança, liberdade individual, vida sustentável e transporte. Amsterdã mostra como, dentro da estrutura do capitalismo, democracia, pensamento ecológico e provisão de necessidades e oportunidades humanas básicas estão disponíveis para quase todos os residentes de Amsterdã. **Amsterdã é um lugar de liberdade, não de repressão** (Gilderbloom; Hanka; Lasley, 2009, p. 489, tradução livre, grifo do autor).

Desse modo, apesar de fortemente ligada à questão dos costumes, este não é o único motivo pelo qual a cidade ganha o status de um “espaço de liberdade” e equidade social. Na verdade, há um histórico de repressão quando se trata da prostituição, o que tem provocado mudanças em sua geografia, na atuação e na vida das prostitutas (Pena, 2019a). A repressão a quem Michel Foucault (2006) chama de infames é algo recorrente na prática de gestão e planejamento urbano não apenas em Amsterdã. No Brasil, por exemplo, houve processos alarmantes de expulsão de populações de

¹ Doutor e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com período sanduíche na Universidade de Amsterdã (UvA); urbanista graduado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); e professor do Curso de Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET), ambos da UNEB. E-mail: joaopena@uneb.br.

determinadas áreas em diversas cidades em virtude da Copa do Mundo de 2014, além de casos de expulsão e repressão voltados especificamente para as prostitutas ao longo do século XX e até recentemente em Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo etc. (Espinheira, 1984; Rago, 2008; Simões, 2010; Helene, 2019; de Lisio; Hubbard; Silk, 2019). Esses grupos que se se pretende varrer do espaço urbano, ao menos daquelas áreas sob holofotes em dado contexto, como em caso de intervenções de “renovação urbana”, são, conforme explica Michel Foucault (2006), sujeitos de vidas inglórias, desventuradas, pessoas sem importância e com vidas infames.

Considerando a importância da prostituição para a cidade de Amsterdã em diversos aspectos, discutimos neste artigo as mudanças que ocorreram na mais conhecida zona de prostituição, o *Red Light District*, a partir de meados dos anos 2000 com a implementação do Plano 1012. A análise aqui apresentada baseia-se no próprio Plano, na literatura especializada, em entrevistas e observações feitas durante o trabalho de campo realizado em Amsterdã entre 2017 e 2018. Além das trabalhadoras sexuais e ativistas, a pesquisa contou com outros interlocutores importantes. Alguns foram apresentados por pesquisadores da universidade que têm atuado sobre o *Red Light District*, outros foram contatados por meio do Centro de Informação sobre Prostituição (Prostitution Information Center – PIC²) e do PROUD (Sindicato Holandês de Trabalhadoras/es Sexuais³), instituições das quais fazem parte, além dos que conhecemos durante as caminhadas e observações pelo bairro. Esses interlocutores podem ser agrupados em três categorias: indústria do sexo; agentes públicos; e moradores e comerciantes locais. De modo a compreender o processo pelo qual a área passou, nos concentramos em três aspectos principais: as motivações, as propostas e os resultados do Plano 1012, em um contexto em que as cidades são compelidas a um alto grau de competitividade no cenário internacional (Vainer, 2000; Jacques, 2004).

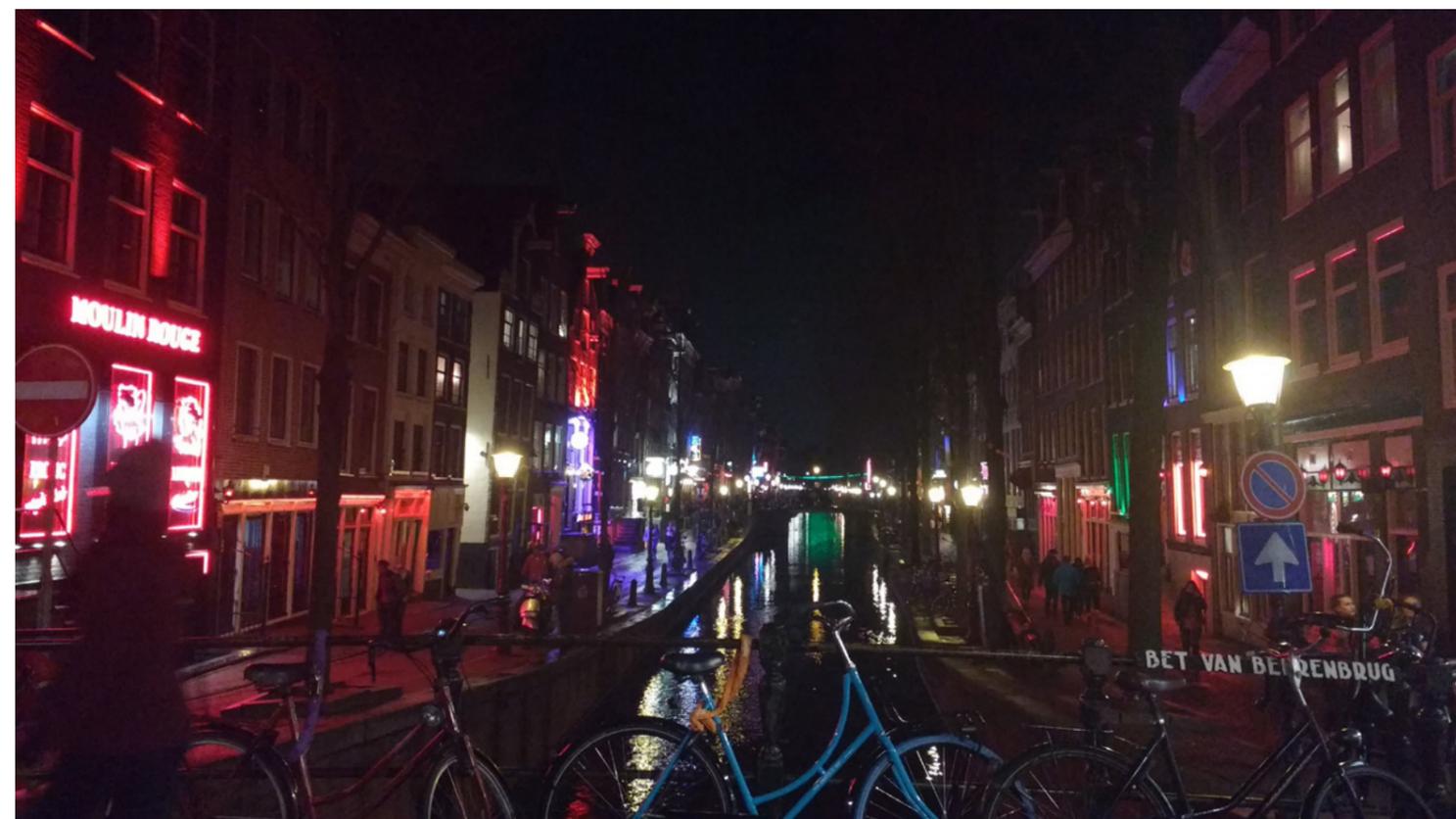
O Red Light District

O De Wallen é provavelmente o bairro mais emblemático de Amsterdã. Para além de sua arquitetura que remonta ao medievo por volta do ano 1300⁴, dos canais navegáveis onde turistas fazem passeios de barco, o bairro abriga um dos principais atrativos da cidade: o *Red Light District* ou Zona/Distrito da Luz Vermelha (Fig. 1). É no *Red Light District* que se encontra a forma mais famosa e mais visível de prostituição de Amsterdã: as vitrines. Nas vitrines trabalham mulheres cis e transgênero, com predominância das primeiras. Apesar de não haver restrição, não existem homens trabalhando nas vitrines, mas eles exercem a prostituição em outros locais, sobretudo a partir da internet (Pena, 2020; 2022).

² Para saber mais sobre o PIC, ver: <https://pic-amsterdam.com/>. Acesso em: 27 out. 2024.

³ Para saber mais sobre o PROUD, ver: <https://www.wijzijnproud.nl/>. Acesso em: 27 out. 2024.

⁴ A edificação mais antiga de Amsterdã é a Oude Kerke (ou igreja antiga, em tradução livre) datada do ano de 1306. Localizada no *Red Light District*, atualmente a Oude Kerke funciona como museu durante a semana, mas mantém a função religiosa realizando cultos aos domingos. Para maiores informações ver: <https://oudekerk.nl/en/education/>. Acesso em: 16 jan. 2020.



Esse bairro situa-se na área central de Amsterdã, correspondendo também ao núcleo inicial da cidade ou, em outras palavras, ao centro histórico. O De Wallen é uma área de uso misto, abrigando prédios residenciais, estabelecimentos comerciais, um campus da Universidade de Amsterdã, uma série de serviços diversos, *coffee shops* e também as vitrines de prostituição. É no centro que se localiza a *Amsterdam Centraal*⁵, principal estação ferroviária que conecta Amsterdã aos demais municípios da Holanda e outros países. Nesse bairro, misturam-se turistas, moradores, trabalhadoras sexuais, crianças, policiais fazendo ronda, passantes de bicicleta e de carro etc. As ruas estreitas do bairro são, então, compartilhadas pelas mais diversas pessoas com os mais variados idiomas, uma coexistência que dá singularidade à área.

A prostituição se estabeleceu nesse bairro há pelo menos cinco séculos em razão da função portuária e comercial de Amsterdã e, conseqüentemente, da presença de muitos viajantes e marinheiros. Entretanto, uma indústria do sexo diversificada só se desenvolveu a partir do final dos anos 1960, com a abertura de teatros de sexo ao vivo, cinemas pornô, *sexshops*, etc. Este período foi marcado por uma efervescência política e cultural com movimentos insurgentes que reivindicavam outro modelo de sociedade e de cidade. Um dos aspectos importantes dessa época foi a ocupação (*squatting*) de imóveis antigos no De Wallen, freando a especulação imobiliária e garantindo a permanência das características morfológicas do bairro (Pena, 2020).

Caracterizada por sua paisagem urbana singular, marcada pelas edificações históricas, pela prostituição e pelos *coffee shops*, essa área passou a atrair grande atenção e ser foco de intervenções no fim dos anos 2000. Veremos a seguir como a prostituição passou a ser vista pelo município, os conflitos e os interesses subjacentes às propostas e alterações no bairro.

⁵ A Amsterdam Centraal é uma estação de transporte intermodal e conta com: metrô, tram (veículo leve sobre trilhos – VLT), ônibus, trem, ferry-boat e um grande estacionamento para bicicletas.

As motivações para a “renovação” do *Red Light District*

Após a descriminalização do funcionamento de bordéis e da regulamentação do trabalho sexual em 2000 (Pena, 2019a), várias avaliações e análises foram feitas a respeito das condições de trabalho das profissionais do sexo, ganhando forte atenção da grande mídia. Uma avaliação do Centro para Pesquisa Científica e Documentação (*Centre for Scientific Research and Documentation – WODC*), realizada em 2005, concluiu que alguns dos objetivos da descriminalização e regulamentação foram alcançados, como a ausência de garotas menores de idade e prostitutas ilegais no setor formal e licenciado da indústria do sexo. Contudo, ainda havia muito a se fazer, pois em termos de direitos a situação não havia, de fato, melhorado, visto que a cafetinagem persistia e as prostitutas continuavam dependentes. O estudo acrescenta que a legislação dificultou o tráfico de mulheres, embora outras pesquisas indiquem que a negação de permissão de trabalho para profissionais do sexo que não sejam da União Europeia as deixa em situação desfavorável, passíveis de chantagens e de aceitarem trabalhar em condições precárias (Outshoorn, 2012).

Em 2004 a vereadora de Amsterdã Karina Schaapman, membro do Partido do Trabalho (*Partij van de Arbeid – PvdA*) declarou ser uma ex-prostituta e publicou o livro “Sem mãe” (*Zonder moeder*), em que conta seu passado. Schaapman tornou-se uma voz importante no debate sobre a prostituição e o tráfico de mulheres, negando a existência de prostituição voluntária. Em 2007 ela publicou outro livro: “Sair com putas não é normal: dúvidas sobre a política liberal de prostituição” (*Hoeren-lopen is niet normaal: Twijfels bijeen liberaal prostitutiebeleid*), no qual aborda a questão dos clientes, retratando o pagamento por serviços sexuais como algo anormal. Apesar disso, ela não defendia o fim da regulamentação, mas que a mesma fosse mais rigorosa acerca do tráfico e da cafetinagem (Outshoorn, 2012). Esse debate e a polêmica sobre a situação das prostitutas no *Red Light District* abriu espaço para uma campanha que propunha mudanças nessa área da cidade. Com o apoio do então prefeito de Amsterdã, Job Cohen, o então vereador Lodewijk Asscher, líder do PvdA, tornou-se em 2007 a principal figura pública a defender um plano urbano para a limpeza do *Red Light District*, enfatizando o perigo ao qual as prostitutas estariam sujeitas como principal motivo para “recuperar” a área (Aalbers, 2016).

Tendo como principal justificativa a necessidade de combater a criminalidade na área central, o *Coalition Project 1012* (Projeto de Coalizão 1012) foi lançado ainda em 2007. O projeto, posteriormente chamado de *Plan 1012*, ganhou este nome devido ao Código de Endereçamento Postal (CEP) da área, abrangendo não apenas o principal *Red Light District*, ou De Wallen, mas também áreas comerciais importantes (Kalverstraat-Nieuwendijk e Damrak-Rokin), um pequeno *Red Light District* próximo à Spuistraat, bem como sua vizinhança (Aalbers; Deinema, 2012; Amsterdam, 2008). O centro, com evidente foco no De Wallen, foi considerado uma área onde o índice de criminalidade estaria demasiado elevado e que a infraestrutura existente era a base para a manutenção de atividades ilegais. Os estabelecimentos ligados à indústria do sexo e os *coffee shops* foram considerados naturalmente propensos ao crime, ignorando que se trata de dois setores legais e regulados por leis nacionais e municipais.

Contudo, há mais do que aparenta. A área tem uma infraestrutura criminal que alimenta uma variedade de indústrias locais incluindo bordéis, *smart shops*, lojas de souvenir, casas de câmbio, cassinos, *coffee shops*, minimercados e *peep shows*, além de hotéis, restaurantes e cafés. Alguns desses setores estão sujeitos a influências criminais e são usados para lavagem de dinheiro ou sonegação de impostos. Sabemos que muitas atividades, principalmente relacionadas às vitrines (de bordéis) e *coffee shops*, vão longe demais. O crime é

mais comum nessas atividades do que em outras (Amsterdam, 2008, tradução livre).

Isso é ratificado por Willem⁶, funcionário da prefeitura, integrante da equipe responsável pela área 1012 e também participante da implementação do Plano 1012, em entrevista que nos foi concedida.

A principal coisa que desencadeou o projeto foi a conclusão de que havia muita conexão entre o mundo do crime e o funcionamento diário daquela área e isso tem a ver com a posse de prédios com diversas funções que são mais ou menos ligadas a atividades criminosas e... assim... sim... essa foi uma das principais questões que a cidade queria resolver para ter controle dessa área. Para recuperar a área, os relatórios concluíram que apenas a aplicação da lei não seria suficiente, então tinha que haver uma intervenção no tipo de funções e na quantidade de certas funções para permitir que o município ou o governo tivessem mais controle sobre (Willem, entrevista, 04/01/2018, tradução livre).

Segundo Manuel Aalbers (2016), a sensação de que o *Red Light District* estava sob o controle de criminosos foi um elemento favorável ao Plano 1012, de modo que a cidade deveria recuperar/retomar essa área e devolvê-la à população. A prefeitura argumentava que embora muitas empresas não vendessem nada ilegalmente, elas poderiam estar envolvidas com lavagem de dinheiro. Contudo, é possível perceber a falta de objetividade e certa abstração sobre a presença do crime no local em documento apresentado pela Câmara Municipal à população em 2008, intitulado “Coração de Amsterdã: perspectivas futuras 1012” (*Heart of Amsterdam: future perspectives 1012*).

Quanto mais sentimos que há crime, maior a probabilidade de implementarmos procedimentos legais, como o zoneamento, para alcançar as mudanças desejadas. Com isso em mente, reduziremos o número de vitrines de prostituição e *coffee shops*. Ao utilizar o zoneamento e reduzir o número de estabelecimentos nesses setores, poderemos aumentar a capacidade de gerenciamento e, portanto, enfrentar a infraestrutura criminosa (Amsterdam, 2008, tradução livre).

Apesar de o plano apontar a criminalidade como principal problemática na área, evidenciando negócios da indústria do sexo que estariam envolvidos com atividades ilegais, as propostas apresentadas, como veremos, não deixam explícito como combater efetivamente tal problema. Ademais, os objetivos e proposições apontam para uma tentativa de “renovação” da área e as principais ações do projeto dizem respeito aos interesses econômicos que rondam o centro da cidade, mais especificamente o *Red Light District*, devido à sua infraestrutura, seu patrimônio arquitetônico e cultural e à sua importância para a imagem turística de Amsterdã etc. O documento evidencia a posição de Amsterdã como uma importante cidade na Europa e a necessidade de atrair empreendedores e visitantes. Ela está inserida num mercado global de cidades e, mais especificamente, num mercado de turismo internacional, o que a faz competir com outras cidades por investimentos e visitantes. Nesse sentido, como afirma Carlos Vainer (2000), a cidade passa a ser considerada uma mercadoria de luxo num mercado competitivo, no qual é preciso oferecer sempre as melhores condições para se manter na disputa.

⁶ Os nomes de todos os entrevistados foram substituídos para preservar sua identidade.

Para o sucesso da implantação de um plano estratégico, como o Plano 1012, é preciso que se criem as condições para obter o apoio da população. Desse modo, é necessário haver um consenso em torno do que se está propondo, ou seja, “o plano estratégico supõe, exige, depende de que a cidade esteja unificada, toda, sem brechas, em torno do projeto” (Vainer, 2000, p. 91). Esta unificação seria possível com a construção de uma situação em que houvesse uma consciência de crise e, portanto, a necessidade de agir para superá-la. No caso de Amsterdã e do Plano em questão, a estratégia discursiva da necessidade de intervenção na área central está baseada no entendimento de que o crime se apoderou desse espaço e que a cidade não poderia mais admitir tal situação, o que requeria esforços de todos para superar esse problema.

Além de usar um discurso de que o Plano buscava erradicar a criminalidade na área, com grande ênfase no tráfico de mulheres, a necessidade de unidade apareceu já no nome da proposta: *Coalition Project 1012*. A palavra coalizão denota uma aliança entre diferentes atores ou grupos em prol de um objetivo comum⁷. Ao utilizar o tráfico de mulheres para fins de prostituição como principal razão para realizar intervenções no centro e fazer uso da mídia para disseminar isto para a população, a municipalidade agiu com perspicácia, pois essa questão criou um pânico moral. Uma prostituta que atua desde 1993 relatou que nos anos 1990 ela era ouvida com interesse e curiosidade sempre que dava uma entrevista para a televisão ou outras mídias. Com o anúncio do plano e a propagação de seu discurso na mídia, ela passou a ser vista pelas pessoas como vítima e não como uma legítima trabalhadora sexual.

Com a percepção de uma situação de crise e de problemas agudos pela população, sobretudo por tratar-se de prostituição – algo que é bastante delicado, mesmo na Holanda – o projeto ganhou certa aprovação popular, uma vez que se dizia pretender recuperar uma importante área e devolvê-la aos moradores. Porém, houve críticas ao Plano 1012 e nem todos se convenceram de que esse era o real ou único objetivo da proposta. Sander, morador do bairro e proprietário de uma loja de chocolates inaugurada nos últimos anos no bojo do Plano, considerando a importância da área e a situação imobiliária em Amsterdã, acredita que outros interesses devem estar em jogo.

Eles começaram esse projeto dizendo “nós queremos melhorar a situação das trabalhadoras sexuais” e é por isso que aceitamos esse projeto, mas eu não sei se é 100% sincero que essa era a única razão. Eu acho que isso foi, é claro, um motivo muito grande, os social-democratas querem o melhor para todos, mas talvez a especulação imobiliária também seja um motivo (Sander, entrevista, 16/01/2018, tradução livre).

Sander acrescenta que o Plano 1012 teve reações contrárias por parte da mídia que afirmava que ele mudaria uma área importante para a própria definição de Amsterdã, mas também houve apoio de parte da população local. De acordo com Willem, o processo de elaboração e implementação do Plano se deu de forma participativa com a realização de inúmeras reuniões para discutir com a população os problemas e proposições necessárias para equacioná-los.

Houve grandes reuniões com *stakeholders*, moradores e outras pessoas sobre isso, mas também foi uma coisa muito planejada. Então, sim, houve reuniões, sim, houve envolvimento em termos de conversas, etc., mas, em grande parte, as grandes decisões

sobre intervenções, como menos vitrines para os bordéis, menos *coffee shops* etc.... essas decisões foram tomadas principalmente politicamente. Há também questões que são um pouco difíceis de discutir abertamente, de conversar abertamente com todos os tipos de *stakeholders* com relação à diminuição das propriedades ou do trabalho das pessoas... é muito complicado. [...] Se eu moro lá e você é dono de um bordel, é difícil dizer em sua frente que eu quero que você saia, também por causa de algumas reputações etc., é difícil ter uma conversa realmente aberta sobre todas essas questões (Willem, entrevista, 04/01/2018, tradução livre).

Como afirma Willem, as principais e mais importantes decisões não foram postas em discussão com os interessados, sobretudo com aqueles que seriam mais afetados pelas mudanças na área, ou seja, as prostitutas e os donos de bordéis. O Plano 1012 revela-se autoritário, cujas decisões foram tomadas pelos gestores urbanos conforme determinados interesses políticos e econômicos, no qual a participação da população nas discussões funcionou como uma ferramenta de legitimação.

Plano 1012: operação limpeza

A publicação intitulada “*Heart of Amsterdam: future perspectives 1012*” (Amsterdam, 2008), foi disponibilizada pelo município com o intuito de informar à população a respeito do Plano e das mudanças pretendidas para o centro. Porém, antes de abordar os problemas alegados, a prefeitura primeiramente reconheceu a importância do centro para a cidade, mas, sobretudo, para a imagem que é propagada a respeito de Amsterdã. De acordo com o plano, “é o centro da cidade, junto com o *Red Light District*, que dá a Amsterdã sua imagem de uma cidade tolerante, irreverente e liberal. Liberdade acima de tudo!” (Amsterdam, 2008, tradução livre).

O *Red Light District* aparece, então, como um elemento importante para a imagem da cidade, sendo fundamental para Amsterdã no mercado do turismo internacional e para a atração de turistas. Diferente do que argumentam Wonders e Michalowski (2001), Amsterdã admite oficialmente a importância da prostituição e da indústria do sexo, de modo geral, como componentes importantes na dinâmica urbana e na construção da imagem de uma cidade tolerante, progressista e liberal. Contudo, como veremos, as ações propostas pelo Plano 1012 voltadas a esse setor não são das mais amistosas, uma vez que essas intervenções “[...] precisam seguir um modelo internacionalmente homogeneizador, imposto pelos financiadores multinacionais dos grandes projetos de revitalização urbana” (Jacques, 2004, p. 24). Vale ressaltar que *red light districts* em outros países também passaram por processos de “renovação urbana” que alteraram profundamente a geografia da prostituição (Cheng, 2016). Nesses casos também são evidentes os interesses do capital privado, a atuação do poder público e os vultosos investimentos desses agentes, mas também a mobilização de instrumentos de planejamento e intervenção urbana para viabilizar os projetos almejados (Pena, 2019b).

De acordo com a prefeitura, o Plano 1012 pretendia melhorar as condições da área central, que é de suma importância para o turismo. Reconhecendo a importância dessa área, a publicação “*Heart of Amsterdam*” (Amsterdam, 2008) afirma que ela deve ser atrativa para moradores, visitantes e empreendedores e ser capaz de impressionar os visitantes, já que, como diz, é um dos centros urbanos mais entusiasmantes, variados e interessantes da Europa. Isto é ratificado por Jozef, funcionário da prefeitura de Amsterdã que esteve envolvido na implementação do Plano. Segundo ele, o Plano foi lançado para melhorar a área para os moradores, muitos dos quais residem no bairro

⁷ Cf.: Dicionário Michaelis: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/coaliz%C3%A3o/>. Acesso em: 21 out. 2022.

desde os anos 1970 e 1980, quando houve um processo significativo de ocupações (*squatting*) em prédios ociosos.

Se eles não estivessem lá o município não teria começado todo esse projeto [...] Se eles tivessem saído naquela época não haveria Projeto 1012. É principalmente por causa dos moradores e, é claro, os turistas estavam vindo aqui e estávamos observando esta vizinhança, então havia também uma razão econômica para ficarmos de olho na vizinhança (Jozef, entrevista, 28/12/2017, tradução livre).

Assim, o primeiro objetivo que aparece na publicação mencionada acima é: “simultaneamente, dar início a melhorias na qualidade e aprimorar a área turística de Amsterdã” (Amsterdam, 2008, tradução livre). Nesse sentido, os interesses econômicos parecem muito mais relevantes do que o combate à criminalidade. Segundo a publicação, o Plano tem 5 objetivos, dentre os quais o combate à criminalidade e a melhoria da qualidade da imagem do centro.

Em resumo, temos cinco objetivos concretos:

1. Queremos desmontar a infraestrutura criminal.
2. Queremos reduzir o número de empresas sujeitas a influências criminais.
3. Queremos acabar com a negligência e decadência do centro e reverter isso.
4. Queremos restaurar o equilíbrio para os negócios da área.
5. Queremos obter uma imagem diversificada e de alta qualidade para a cidade (Amsterdam, 2008, tradução livre).

Apesar de o alto nível de criminalidade ser apresentado como principal motivação para realizar intervenções no centro, apenas dois dos cinco objetivos se relacionam com essa questão. Os outros três objetivos dizem respeito à intenção do governo local de melhorar as condições da área em termos de negócios e de sua imagem (Pena, 2021). A motivação econômica do Plano aparece explicitamente na descrição da visão para o futuro do centro, especificamente na área entre Damrak e Rokin: “Nossa intenção para a imagem nessa área é transformá-la num centro internacional de varejo. Haverá hotéis e lojas de excelência que oferecem produtos de alta qualidade” (Amsterdam, 2008, tradução livre). Busca-se a implantação de empreendimentos de alto padrão e de serviços exclusivos para um público abastado, assim “quem procura qualidade terá suas necessidades atendidas com produtos exclusivos de moda, mídia e estilo de vida” (Amsterdam, 2008, tradução livre). As propostas focam em serviços de maior qualidade em relação aos existentes, o que, conseqüentemente, significa priorizar uma clientela com maior poder aquisitivo. Isto é também evidente em relação ao *Red Light District*, pois, segundo a proposta, “a seleção de lojas, empresas, hotéis, restaurantes e cafés deve ser de melhor qualidade e mais variada do que é hoje” (Amsterdam, 2008, tradução livre). Assim, em vez de apontar as medidas para a solução do principal problema alegado, a preocupação e a ênfase maiores estão na melhoria da qualidade com vista aos resultados em termos econômicos e socioculturais (Zuckerwise, 2016).

Apesar de pretender uma mudança significativa na dinâmica do centro, alegando problemas em determinados setores, a prefeitura reconheceu a importância da prostituição e a forma como ela se organiza nessa área, algo que, associado a outros elementos como os *coffee shops*, é importante para a imagem de Amsterdã enquanto uma cidade liberal e progressista. Nesse sentido, não se pretendia eliminar completamente a prostituição da área, mas buscar um equilíbrio entre distintos tipos de estabelecimentos, aumentando a diversidade no local. Devido à sua configuração espacial com ruas estreitas e a rede de canais, o *Red Light District* é descrito como uma

área cuja atmosfera é acolhedora (Amsterdam, 2008). Ao mesmo tempo afirma que com as mudanças e os novos estabelecimentos pretendidos – como cafés, galerias, museus e lojas –, a área teria também um clima mais aventureiro para os visitantes ao longo do dia. Esses novos estabelecimentos substituíram aqueles que foram fechados, quais sejam: as vitrines, *coffee shops*, cinemas pornôs, teatros de sexo ao vivo etc.

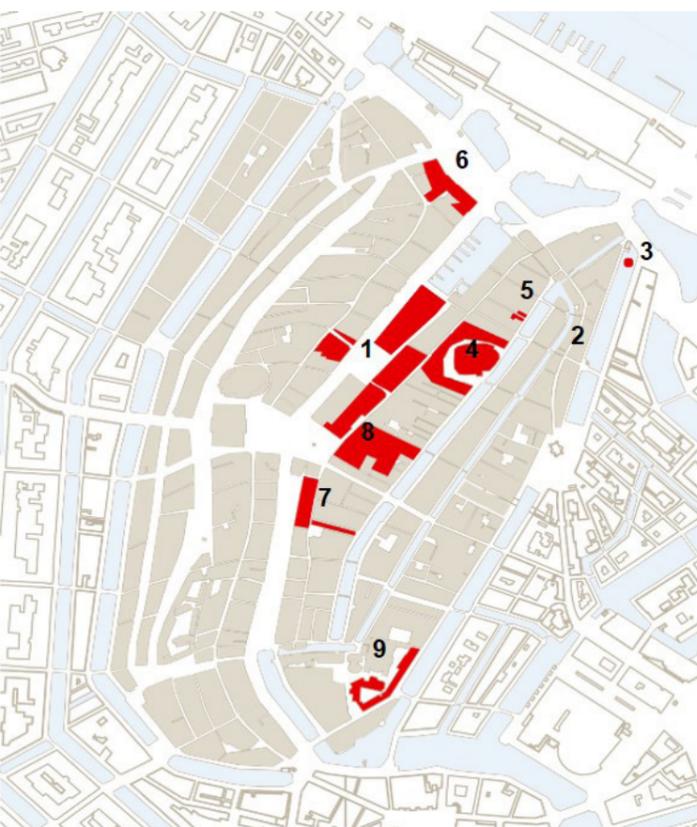
Em nossa opinião, o *red-light district* deveria manter a combinação de edifícios residenciais e de escritórios com a vida noturna; uma mistura de *chic* e *shady*. A prostituição que é tão característica dessa área permanecerá em parte, mas sem o crime que está presente demais no momento (Amsterdam, 2008, tradução livre).

A combinação *chic & shady* parece resumir as intenções do plano. Ao mesmo tempo em que se buscava atrair clientes com maior poder aquisitivo, com a implantação de comércio e serviços de maior qualidade, seria possível aproveitar o lado mais instigante que caracteriza o De Wallen, ou seja, a prostituição, porém em quantidade reduzida. O fechamento das vitrines foi considerado pela prefeitura a solução para o problema da criminalidade e do tráfico de mulheres para fins de prostituição, o que é questionado por muitos, incluindo prostitutas e ativistas. Porém, a manutenção de parte das vitrines continuaria a provocar o fascínio dos turistas, embora a geografia da área fosse alterada.

Com as intervenções propostas, algumas áreas seriam destinadas ao comércio de luxo (Damrak-Rokin) e compras diárias (Warmoesstraat), ao entretenimento noturno (Spuistraat), ao passeio (Oudekerksplein), além das áreas que teriam a concentração de vitrines e de outras onde se propunha reverter a decadência de importantes ruas que conectam as principais vias do centro. As mudanças pretendidas aconteceriam de três maneiras: instalação de projetos âncora, reconfiguração e melhoramento do espaço público e uma abordagem ao nível da rua (Amsterdam, 2008). Tais alterações mudariam também a maneira como os visitantes percorreriam a área na medida em que focam em certas especializações e na mudança do perfil dos estabelecimentos nesses locais.

Os projetos âncora se dariam em nove áreas do centro da cidade, incluindo a Chinatown – como é conhecida a rua Zeedijk –, a Oudekerksplein, os hotéis Victoria Hotel e o Grand Hotel Krasnapolsky etc. (Fig. 2) De acordo com Willem, as intervenções não foram todas realizadas pela prefeitura, como no caso dos hotéis que são propriedade particular. Nesse sentido, ele afirma que muitos investiram na área e realizaram projetos que já estavam previstos, mas agora impulsionados pelo o Plano 1012.

É claro que a cidade investiu de todos os modos, principalmente na renovação do espaço público, mas os 10 projetos âncora dos quais eu estava falando eram principalmente projetos privados, então grandes empreendimentos hoteleiros, a universidade que não é totalmente privada, mas que não pertence ao município, grandes lojas etc. Então, já havia ideias para esses planos e eles só foram ajudados e impulsionados pelo projeto. Portanto, há muitos empreendimentos imobiliários em andamento, mas você vê, talvez em grande escala, mas especialmente no *Red Light District* você vê que o projeto deu espaço para novos empreendedores iniciarem seus negócios e alguns cresceram lá e foram para outros lugares e, então, nunca pararam (Willem, entrevista, 04/01/2018, tradução livre).



Key Projects

1. Beursplein
2. Chinatown
3. Parking garage Geldersekade / Oosterdokseiland
4. Oudekerksplein
5. Ons' Lieve Heer op Solder museum
6. Victoria Hotel and the Kadasterpand
7. Fortis building Rokin
8. Krasnapolsky
9. Binnengasthuis grounds (University of Amsterdam)

Manuel Aalbers (2016) acrescenta que o Plano 1012 foi anunciado para a população na Dam Square, principal praça e centro histórico e simbólico da cidade, localizada nas proximidades do *Red Light District*. O autor chama atenção para o fato de a apresentação do projeto não ter ocorrido na própria prefeitura, mas no luxuoso Grand Hotel Krasnapolsky, situado na referida praça. Este hotel é um dos parceiros do projeto e reservou a quantia de 120 milhões de euros para investir na área da intervenção. De acordo com Willem, o setor privado já tinha planos de investimentos na área antes da realização do Plano 1012, porém sua implementação pela municipalidade forneceu a situação adequada para que as empresas privadas pudessem efetivar seus projetos. Isto quer dizer que o setor privado foi diretamente beneficiado pelos investimentos públicos, como tem acontecido em outras cidades (Mourad; Figueiredo, 2012).

Plano 1012: resultados e mudanças no *Red Light District*

De acordo com o relatório da avaliação do Plano 1012 do Tribunal Metropolitano de Amsterdã (*Rekenkamer Metropool Amsterdam*) (Amsterdam, 2018), antes da implementação do referido Plano, em 2007, havia no *Red Light District* 470 vitrines espalhadas pela área. Entre 2007 e 2008 houve o fechamento de 68 vitrines, sendo a maior quantidade de fechamentos verificada em um único ano ao longo do processo de intervenções na vizinhança. Apenas o empresário Charles Geerts vendeu no fim de 2007 seus 20 prédios onde 50 vitrines foram fechadas, ou seja, mais da metade das que foram encerradas naquele tempo (Aalbers, 2016). Foram fechados também 26 *coffee shops*, além de *sex shops*, lojas de souvenir, casas de massagem, entre outros. Além de fechamentos, houve uma mudança na localização de algumas vitrines que foram transferidas principalmente para a rua Oudezijds Achterburgwal. De acordo com o estudo, existem atualmente 358 vitrines, tendo sido fechadas um total de 112 entre 2007 e 2018. Nos edifícios que abrigavam as vitrines foram instalados 34 novos empreendimentos, entre eles 1 loja de doces, 2 cafés, 1 restaurante, 9 lojas, 11

residências, 1 estabelecimento turístico, 5 empresas de prestação de serviços, além de outros usos. Já os *coffee shops* foram substituídos por 48 novos negócios, sendo que 12 deles são locais de *fast food*, 5 são lojas de doces, 5 são cafés etc. (Amsterdam, 2018).

O fechamento desses negócios foi possível principalmente pela aplicação da Lei de Promoção da Avaliação de Integridade pela Administração Pública (*Bevordering integriteitsbeoordelingen door het openbaar bestuur*), conhecida como Lei Bibob. Esta lei está em vigor desde 2003 e permite ao município negar licenças e fechar empreendimentos caso seja detectada alguma ligação com atividades ilegais. Esse instrumento foi usado para avaliar as licenças de bares, restaurantes, *coffee shops*, vitrines e a permissão de uso de grandes prédios, porém não se inserem neste último grupo os hotéis, por exemplo. Segundo Willem, a prefeitura precisa provar que o negócio tem ligação com atividade criminosa.

O projeto começou com: “ok, tem infraestrutura criminosa”, funcionamento normal e todo tipo de conexões, e a Lei Bibob foi uma das ferramentas para tentar evitar que isso se misturasse, permitindo que o município não desse licença caso houvesse dinheiro ilegal ou atividades criminosas envolvidas na solicitação de licença. Então, isso torna possível, ou mais fácil, negar uma licença porque antes era tipo, ok, se eu tenho um prédio e eu quero mudar a função dele, você poderia apenas verificar as regras específicas para “ok, é seguro, etc. a função é autorizada”, mas agora você também pode dizer: “não, porque ao fazer isso você agrega valor ou possibilita ou é provável que você permita atividades criminosas.” Então, é mais... há uma ferramenta extra para evitar uma conexão entre o funcionamento e a porta dos fundos, as atividades criminosas (Willem, entrevista, 04/01/2018, tradução livre).

Questionado sobre uma certa subjetividade aparente nesse procedimento, ele acrescentou:

Sim, eu acho que é a maneira que eu digo, porque eu explico de uma forma muito simples, mas é claro que você precisa ter provas e conexões concretas ou convicções ou coisas assim. Então, você não pode dizer: “hum, eu não vou com a sua cara, você não recebe uma licença”, então você precisa ter argumentos. Por exemplo, tem um caso em que uma pessoa recebeu um empréstimo de alguém que foi condenado por lavagem de dinheiro, então é muito provável que essa atividade criminosa esteja envolvida nesse dinheiro, que é trazido de volta para a área. Então, suas licenças foram negadas por causa da conexão entre ele e... da conexão financeira entre ele e essa outra pessoa que foi condenada (Willem, entrevista, 04/01/2018, tradução livre).

A transparência desse processo com a demonstração de provas é questionada por Sebastian, morador há 30 anos e proprietário de uma *sex shop* em funcionamento há mais de 20 anos numa das principais ruas do *Red Light District*. Ele afirma que a prefeitura agiu com autoritarismo e que, por um lado, a lei é bastante rígida, ou seja, qualquer mínima irregularidade poderia levar ao fechamento do estabelecimento. Isso não quer dizer que o empreendimento estivesse envolvido em qualquer atividade criminosa, porém qualquer falha era usada para lograr êxito no seu fechamento e sua posterior substituição. Por outro lado, para ele, a prefeitura não deixou claros os critérios para considerar uma atividade como ilegal, dizendo apenas que determinada

empresa teria potencial de envolver-se em atividades ilegais no futuro.

A prefeitura defendeu o fechamento das vitrines de prostituição como maneira de combater o tráfico de mulheres, contudo desconsiderou a complexidade que envolve esta questão. Além disso, não houve diálogo com grupos e movimentos sociais que trabalham em defesa dos direitos das prostitutas. O fechamento das vitrines representa efetivamente uma diminuição no número de locais de trabalho para as trabalhadoras sexuais, sobretudo à noite quando as vitrines costumam ficar ocupadas. É preciso destacar que durante o dia muitas vitrines ficam vazias, sobretudo pela manhã e início da tarde. Contudo, à noite quando o movimento de turistas é mais intenso, há um número maior de prostitutas em seus locais de trabalho e quase não se vê vitrines vazias.

Apesar do fechamento de todos esses estabelecimentos e sua concentração em algumas ruas, ainda restam algumas vitrines em locais onde a intenção era o encerramento de seu funcionamento, como no caso da Oudekerksplein (ou praça da igreja antiga, em tradução livre). Esta é uma área muito importante e a igreja que lhe dá nome, *Oude Kerk* (igreja antiga), é uma das mais importantes edificações do centro histórico, sendo considerada uma das pérolas do *Red Light District*. Então, a presença de vitrines não se alinhava com os planos da prefeitura para esse local.

A Oudekerksplein com a *Oude Kerk* é uma das pérolas do *red-light district*. No entanto, a praça da igreja em si perdeu um pouco de seu brilho e pretendemos melhorar isto. **As vitrines das prostitutas não serão mais bem-vindas.** Elas serão substituídas por atividades tradicionais, como artes e artesanato, além de lojas, hotéis e restaurantes, com a *Oude Kerk* presente no meio como um tesouro em termos de patrimônio cultural. A reformulação e melhoria do espaço público farão com que a praça e as ruas em seu entorno se tornem um local agradável para passar o tempo (Amsterdam, 2008, tradução livre, grifo do autor).

Ao explicitar que se deseja para Oudekersplein e seu entorno empreendimentos como lojas, hotéis e restaurantes e afirmar que prostitutas não serão mais bem vindas, o argumento que justificaria o Plano torna-se ainda mais frágil. A prefeitura buscou concentrar a prostituição na rua Oudezijds Achterburgwal, onde se localiza um dos principais canais do De Wallen, e manter as demais áreas livres de vitrines. Contudo, tal objetivo não foi completamente efetivado, pois a municipalidade ainda não conseguiu fechar bordéis no entorno da própria Oudekerksplein e nas ruas Oudezijds Voorburgwal e Geldersekkade. Jozef esclarece que esses bordéis só permaneceram porque não foi encontrado nada ilegal em seu funcionamento.

Quando eu cresci, e eu cresci aqui no centro da cidade, a Geldersekkade era cheia de bordéis, mas todos foram fechados por causa do projeto [...]. Há um prédio restante.

(Por que?)

Porque não achamos nada errado acontecendo nesse prédio, então você não pode, tipo, você não pode tomar o prédio se o dono não tem nada errado. Então, essa também é a razão por que você ainda vê algumas das *red lights* na praça da *Oude Kerk*. São todas de famílias holandesas e, até onde sabemos, elas não estão fazendo nada errado (Jozef, entrevista, 28/12/2017, tradução livre).



Embora argumente que o Plano pretendia combater a criminalidade, é evidente a tentativa de concentrar as vitrines em determinada área e transformar algumas outras em ambientes mais “aprazíveis”. Não deve ser por acaso que todos os estabelecimentos considerados envolvidos com atividades ilegais estivessem exatamente nas áreas onde a prefeitura pretendia estimular outros usos e promover melhorias. Vale ressaltar que outras 12 vitrines no entorno da Oudekerksplein ainda sofrem ameaça de fechamento. Várias dessas vitrines estão na rua Trompettersteeg (Fig. 3), o beco mais estreito de Amsterdam, que não parece tão interessante para outros tipos de estabelecimento pelo limitado espaço para os passantes e, conseqüentemente, pela pouca visibilidade que teriam.

À esquerda da Fig. 3 vemos o beco Trompettersteeg e à direita um panfleto em uma vitrine nas proximidades dessa rua que diz: “Van der Laan⁸, você tira meu trabalho! Pare de fechar nossas vitrines”. O fechamento das vitrines e sua substituição por outros negócios obviamente provocaram mudanças na dinâmica do bairro, mas não apenas para a indústria do sexo. Embora as novas possibilidades para a abertura de estabelecimentos comerciais, devido à disponibilização de novos espaços, sejam interessantes para empreendedores, as alterações na dinâmica da área têm afetado a vida dos moradores, que reclamam do grande número de turistas na vizinhança.

⁸ Eberhard Edzard van der Laan foi prefeito de Amsterdã de 2010 até o seu falecimento, em 2017.

Figura 3 - Beco Trompettersteeg e protesto contra o fechamento de vitrines. Fonte: Acervo do autor, 2018.

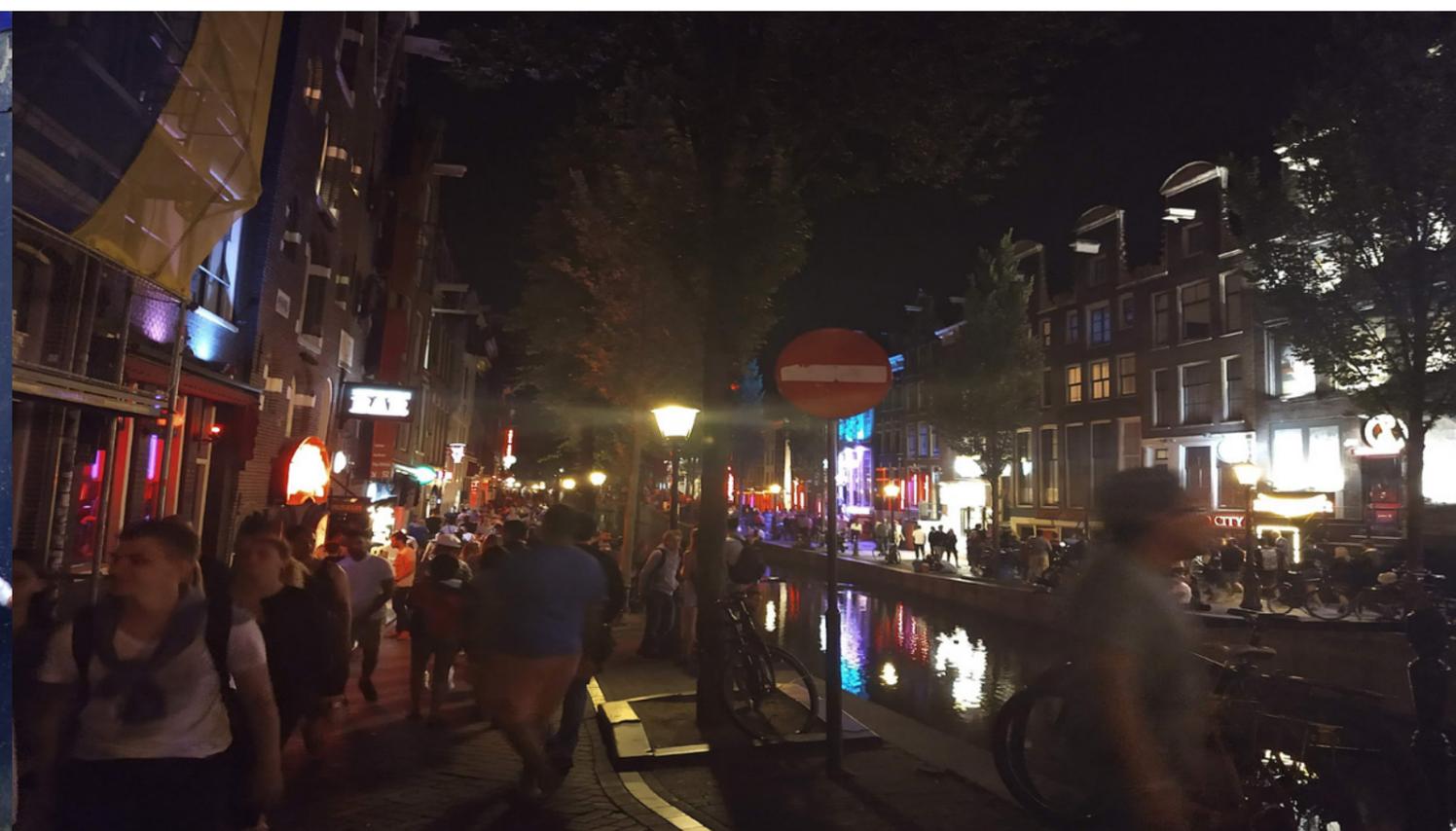


Portanto, é lógico que os moradores do *Red Light District* estão reclamando da superlotação e dos turistas, pois esse é o resultado da redução do tamanho do *Red Light District* em 40% e da concentração de tudo no canal principal. Também para profissionais do sexo os resultados são desastrosos, não apenas porque muitas perderam um local para trabalhar legalmente e, portanto, foram forçadas à prostituição ilegal para sobreviverem. Mas também para as trabalhadoras sexuais remanescentes que viram seus negócios decaírem já que o crescente turismo não tem significado mais clientes, mas apenas mais pessoas que vêm dar uma olhada, transformando-as em uma atração turística mais do que antes (Felicia Anna, 2018).

Como explica Felicia Anna⁹, prostituta e ativista pelos direitos das trabalhadoras sexuais, além das consequências para as prostitutas que perderam seus locais de trabalho, o fechamento das vitrines pode significar ainda maior concentração de turistas no principal canal (Oudezijds Achterburgwal), área que já apresenta um número significativo de turistas em determinados momentos do dia (Figs. 4 e 5).

Como foi dito, isso tem sido uma reclamação dos moradores, mas também uma preocupação da própria prefeitura. Segundo Jozef, no De Wallen moram cerca de 8.500 pessoas, para quem as ações do Plano 1012 estariam focadas. Contudo, a substituição das várias vitrines por lojas e estabelecimentos voltados ao turismo contradiz essa afirmativa. Por um lado, Willem afirma que novos apartamentos têm

⁹ Felicia Anna escreve o blog *Behind the Red Light District*, no qual fala sobre a “vida real de uma prostituta romena trabalhando no *Red Light District* de Amsterdã.” Desde 2014 ela tem relatado em seu blog o que tem acontecido nessa área, além das questões políticas envolvendo a prostituição em Amsterdã e na Holanda.



sido disponibilizados a partir da reestruturação e renovação de prédios, mas, por outro, o plano tinha clara intenção de atrair empreendimentos focados nos visitantes endinheirados, o que tem provocado a saída de comércios e serviços que atendiam às necessidades dos residentes.

Ao caminhar pelo *Red Light District* encontramos várias lojas de souvenir com símbolos de Amsterdam, incluindo aqueles que materializam a prostituição e as drogas em uma infinidade de diferentes lembrancinhas como recordação da passagem pela cidade. Além dos diversos bares, cafés e restaurantes que se encontram na área, é bastante significativa a quantidade de lanchonetes que vendem *fast food* a preços baixos que estão espalhadas praticamente por todas as ruas. São também representativas as várias lojas de doces (*nutella shops*) e de queijo, já que na Holanda também são produzidos queijos de boa qualidade e prestígio. A existência massiva desse tipo de comércio contradiz a pretensa diversidade almejada pelo Plano 1012. Se antes a área seria pouco diversa pela existência demasiada de vitrines para prostituição e afins, o que percebemos hoje é que a ela está superlotada de lojas e estabelecimentos que vendem serviços e produtos bastante similares com foco no mesmo público alvo: o visitante.

Reconhecendo o problema do crescente número de negócios voltados aos turistas, no fim de 2017 a prefeitura resolveu começar a restringir seu crescimento, ou seja, não seria mais permitida a abertura de novos minissupermercados, restaurantes, lojas de souvenir, locais de *fast food*, hotéis etc. (Couzy, 2017). Alguns desses empreendimentos que agora aparecem como problema eram os carros-chefes do Plano quando de sua proposição. Apesar de reconhecer essa problemática, a prefeitura parece não assumir sua responsabilidade a respeito das consequências das intervenções realizadas no *Red Light District*.

Figura 4 - Turistas na rua Oudezijds Voorburgwal. Fonte: Acervo do autor, 2018.

Figura 5 - Red Light District cheia de turistas à noite. Fonte: Acervo do autor, 2018.

O aumento do número de turistas e sua concentração também precisam ser discutidos no que tange à atividade da prostituição. Obviamente, é preciso que haja transeuntes na área para que as prostitutas possam atrair clientes. Contudo, um maior número de turistas não necessariamente significa maior número de clientes, já que uma boa parte desses turistas não vai ao *Red Light District* buscar pelos serviços das prostitutas e sim para matar sua curiosidade sobre a mais famosa zona de prostituição em vitrines do mundo. Isso quer dizer que muitos consomem a prostituição enquanto imagem, o que obviamente é proveitoso para a economia local. Embora o número de vitrines e prostitutas na área tenha diminuído, ainda é possível andar nas ruas e observá-las em seus postos de trabalho desempenhando sua *performance* para atrair clientes. Para Julie, uma ex-prostituta e ativista pelos direitos das trabalhadoras sexuais, essa seria a razão pela qual a cidade mantém parte do *Red Light District*.

O *Red Light District* nunca vai voltar ao seu estado de glória original. Eu acho que ele provavelmente vai continuar a diminuir. Eu acho que a única razão pela qual ele não está completamente fechado é apenas porque a cidade ganha dinheiro com ele através do turismo. Eu penso que eles sabem que precisam do *Red Light District* a fim de ter pessoas indo e vindo e comprando coisas. Então, para eles é um local de vendas e eu acho que é por isso que são tolerantes, mas acho que a opinião deles de verdade é que essa é uma profissão perigosa para mulheres e deveria ser fortemente, fortemente controlada se tem que existir (Julie, entrevista 25/05/2018, tradução livre).

Entre todas as alterações empreendidas, a busca por uma mudança no perfil dos empreendimentos e dos turistas teve grande importância. Apesar de muitas vitrines terem sido substituídas por outros tipos de atividades, uma caminhada pelas ruas do *Red Light District* revela que o número de turistas é grande, porém a presença abundante de lojas de *fast food* a preços baixos, em vez dos sofisticados restaurantes pretendidos, aponta para a permanência de um perfil de turista que não é exatamente o que se buscava. É interessante também ressaltar que nas proximidades da área houve melhorias e reformas em lojas de grande porte, como a Primark. Esta é uma loja popular situada na Damrak que vive superlotada de turistas em virtude de seus produtos a preços baixos.

Apesar das críticas, houve também opiniões positivas sobre a implementação do Plano 1012, sobretudo no que tange à segurança pública. Relatos de moradores, trabalhadores e frequentadores dão conta de que hoje em dia a área está mais segura, com um índice menor de crimes, sobretudo de tráfico de drogas nas ruas. Além das mudanças já elencadas, a ronda policial é rotineira, além da existência de uma delegacia de polícia nos arredores. Para além disso, a área é monitorada por câmeras, as quais podem ser observadas em diversas ruas, inibindo a prática de ilícitos.

Conclusão

Diferente do que se pode imaginar a partir do que costuma ser difundido sobre a prostituição em Amsterdã, cujo *Red Light District* é uma das zonas de comércio sexual mais conhecidas do mundo, esta não é uma questão pacífica. Conforme discutido em outro artigo (Pena, 2019a), a trajetória da prostituição na cidade é marcada por rupturas, descontinuidades e enfrentamentos, mas também importantes conquistas para as trabalhadoras sexuais. Contudo, a implementação do Plano 1012 descortinou um novo capítulo no campo de disputas que é o *Red Light District*. Autorizadas a funcionar legalmente desde 2000, parte significativa das vitrines foi fechada entre 2007 e 2018, além de outros estabelecimentos como *coffee shops*, também característicos

da área. Sob a justificativa de combater a criminalidade presente no bairro, a prefeitura empreendeu uma verdadeira cruzada contra a indústria do sexo, sem incluir os representantes deste setor nas discussões sobre as propostas do Plano 1012.

Se, por um lado, alegou-se a necessidade de combater a criminalidade, por outro, ficou evidente o interesse em realizar uma higienização social, uma limpeza da área. Isto abriria espaço para investimentos em produtos e serviços de maior qualidade voltados para um público mais abastado. A diversidade característica dessa área da cidade não se alinhava mais com a imagem que se pretendia para Amsterdã. Contudo, apesar de terem sido realizadas intervenções e melhorias, além de muitas vitrines e *coffee shops* terem sido substituídos, a presença massiva de *fast foods* revela que talvez o plano não tenha sido exitoso em atrair restaurantes sofisticados. Além disso, o fechamento de vitrines e a concentração da prostituição no principal canal e algumas outras ruas têm provocado uma superlotação desses locais, gerando inconveniências para os residentes. Considerando o contexto atual, o Plano 1012 revela a ambição do município de se tornar ainda mais competitivo e atrair investimentos nacionais e internacionais e, para isto, a geografia da prostituição foi encarada como um empecilho aos objetivos almejados. Assim, a “renovação urbana” de seu bairro mais simbólico foi usada como dispositivo no sentido de projetá-la e reposicioná-la no mercado global de cidades.

Agradecimentos

A pesquisa que originou este artigo foi desenvolvida na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e na Universidade de Amsterdã (UvA), com financiamento da CAPES, por meio do Programa de Doutorado-Sanduiche no Exterior (PDSE), e do CNPq.

Referências

AALBERS, Manuel. Amsterdã. In: CHENG, Tsaiher (ed.). *Red Light City*. Montreal/Amsterdã: The Architecture Observer, 2016, p. 82-89.

AALBERS, Manuel; DEINEMA, Michaël. Placing prostitution: The spatial-sexual order of Amsterdam and its growth coalition. *City*, v. 16, n. 1-2, February-April 2012, p. 129-145. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13604813.2012.662370>. Acesso em: 09 set. 2017.

AMSTERDAM (2008). *Heart of Amsterdam: future perspectives 1012*. Amsterdam, I amsterdam. Disponível em: https://www.amsterdam.nl/publish/pages/780659/heart_of_amsterdam.pdf. Acesso em: 12 set. 2017.

AMSTERDAM. Rekenkamer Metropool Amsterdam (2018). *Feitelijk verloop van Project 1012: Onderzoek Project 1012 - Tussentijdse rapportage*. Amsterdã, RMA. Disponível em: <https://www.rekenkamer.amsterdam.nl/wp-content/uploads/2018/01/Tussentijdse-rapportage-Feitelijk-verloop-Project-1012.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2018.

CHENG, Tsaiher (ed.). *Red Light City*. Montreal/Amsterdã: The Architecture Observer, 2016. 136p.

COUZY, Michiel. Amsterdãse binnenstad op slot voor toeristenwinkel. *Het Parool*, Amsterdã, 05 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.parool.nl/amsterdam/amsterdãse-binnenstad-op-slot-voor-toeristenwinkels~a4520250/>. Acesso em: 11 jun. 2018.

DE LISIO, Amanda; HUBBARD Phillip; SILK, Michael. Economies of (Alleged) Deviance: Sex Work and the Sport Mega-Event. *Sexuality Research and Social Policy*, v. 16, n. 2, p. 179-189, 2019, Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13178-018-0319-z>. Acesso em: 26 ago. 2019.

DE WAARD, Marco. Amsterdam and the Global Imaginary. In: DE WAARD, Marco (Org.). *Imagining Global Amsterdam*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2012.

ESPINHEIRA, Gey. *Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel*. Salvador: Tempo Brasileiro, 1984. 162p.

FAINSTEIN, Susan. *The just city*. Ithaca: Cornell University Press, 2010.

FELICIA ANNA. 414 Prostitutes begin war against mayor of Amsterdam. *Behind the Red Light District*, 09 de abril de 2015. Disponível em: <http://behindtheredlightdistrict.blogspot.com/2018/01/amsterdam-forces-100-sex-workers-to.html>. Acesso em: 26 ago. 2019.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. *Estratégia: poder-saber*. (Ditos & Escritos; v.4). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2006.

GILDERBLOOM, John I.; HANKA, Matthew J.; LASLEY, Carrie Beth. Amsterdam: planning and policy for the ideal city? *Local Environment: The International Journal of Justice and Sustainability*, v. 14, n. 6, p. 473-493, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13549830902903799?journalCode=cloe20>. Acesso em: 12 jun. 2019.

HELENE, Diana. *Mulheres, direito à cidade e estigmas de gênero: a segregação urbana da prostituição em Campinas*. São Paulo: Annablume, 2019.

JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização Urbana Contemporânea. *Cadernos PPG-AU/FAUFBA*, Salvador, Ano 2, número especial, 2004, p. 23-29.

MOURAD, Laila Nazem e FIGUEIREDO, Glória Cecília. O bairro é 2 de Julho, ou, o que está em jogo no Projeto de Humanização de Santa Tereza? In: Seminário Urbanismo na Bahia – URBA12, 2012, Salvador. *Anais...* Salvador: Faculdade de Arquitetura da UFBA, 2012, p. 01-17. Disponível em: http://www.lugarcomum.ufba.br/urbanismonabahia/arquivos/anais/ex2_dois-de-julho.pdf. Acesso em: 08 jun. 2018.

OUTSHOORN, Joyce. Policy change in prostitution in the Netherlands: from legalization to strict control. *Sexuality Research and Social Policy*, v. 9, n. 3, p. 233-243, 2012. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13178-012-0088-z>. Acesso em: 20 jan. 2017.

PENA, João Soares. Gestão pública da prostituição no Brasil e na Holanda. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v. 7, n. 1, 2019a, p. 1-20. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/345>. Acesso em: 27 out. 2024.

PENA, João Soares. Red Light City. Relações entre prostituição e urbanismo na cidade contemporânea. *Resenhas Online*, São Paulo, ano 18, n. 209.05, Vitruvius, 2019b. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/18.209/7354>. Acesso em: 24 jul. 2019.

PENA, João Soares. *Além da vitrine: produção da cidade, controle e prostituição no Red Light District em Amsterdã*. Tese (Doutorado Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33585>. Acesso em: 27 out. 2024.

PENA, João Soares. A prostituição e a imagem da cidade de Amsterdã. *Revista latino-americana de Geografia e Gênero*, v. 12, p. 97-128, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/17269>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PENA, João Soares. Prostituição em Amsterdã: regulação e dinâmicas de gênero no Red Light District. *Revista Periódicus*, v. 1, p. 116-137, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/50152>. Acesso em: 20 abr. 2023.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 360p.

SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Niterói: EdUFF, 2010. 178p.

UITERMARK, Justus. The origins and the future of the Dutch approach towards drugs. *Journal of Drug Issues*, v. 34, n. 3, p. 511-532, 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/002204260403400303?journalCode=joda>. Acesso em: 16 jun. 2019.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 75-103.

WONDERS, Nancy A.; MICHALOWSKI, Raymond. Bodies, Borders, and Sex Tourism in a Globalized World: A Tale of Two Cities - Amsterdam and Havana. In: *Social Problems*, v. 48, n. 4, p. 545-571, 2001. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/pdf/10.1525/sp.2001.48.4.545.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2017.

ZUCKERWISE, Gail Meryl. *Conceptualizing culture in discourses of policy and reform in Amsterdam*. Tese (Doutorado). University College London, Londres, 2016. Disponível em: <http://discovery.ucl.ac.uk/1472515/>. Acesso em: 05 jun. 2018.